

TRANSPONDO O ABISMO: A CONSTRUÇÃO DE PERFIS DE CIENTISTAS

OVERCOMING THE DIVIDE: THE MAKING OF CIENTISTS' PROFILES

TRASPONIENDO EL ABISMO: LA CONSTRUCCIÓN DE PERFILES DE CIENTISTAS

Mateus Yuri Passos
Doutorando – UNICAMP
mateus.passos@gmail.com

Francisco Rolfsen Belda
Professor e pesquisador – UNESP
belda@faac.unesp.br

Resumo

A partir do diagnóstico de que a ciência encontra-se cindida da cultura em geral, apartada e tornada estranha ao cotidiano, discutimos neste artigo a representação de personagens e ações pertencentes ao universo científico, assim como de sua atividade, em três perfis publicados na revista piauí: “Entre ratos”, de Raquel Freire Zangrandi, “Artur tem um problema”, de João Moreira Salles, e “Com a mão na massa (cerebral)”, de Dorrit Harazim. Como contraste à análise, ponderamos sobre os perfis apresentados no livro Gigantes da ciência, de Philippe Cane, e na série Os cientistas, da Editora Abril. Pudemos concluir que o conjunto de textos de piauí, articulado sob as técnicas de jornalismo literário, aproxima o leitor dos perfilados e o processo de produção da ciência, embora ainda pouco apresente da vida privada dos personagens.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Jornalismo científico. Perfil.

Abstract

From the diagnosis that science has become apart from mainstream culture and everyday life, we discuss in this article the representation of characters and actions which are part of science-making in three profiles published by piauí magazine: “Entre ratos”, by Raquel Freire Zangrandi, “Artur tem um problema”, by João Moreira Salles, and “Com a mão na massa (cerebral)”, by Dorrit Harazim. In contrast, we also analyze the profiles presented in the book Gigantes da ciência, by Philippe Cane, and the series Os cientistas, published by Abril. From this we may consider that the group of texts published by piauí, which are structured according to literary journalism techniques, bring the reader closer to the making of science and the profiled characters, although they still narrate too little of their private lives.

Keywords: Literary Journalism. Science Journalism. Profile.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons

ANIMUS

Revista Interamericana de Comunicação Midiática
E-ISSN 2175-4977 | v.12 n.23 | 2013 | www.ufsm.br/animus



Resumen

A partir del diagnóstico de que la ciencia encuéntrase apartada de la cultura general y hecha como extraña al vivir diario, discutimos en este artículo la representación de personajes y acciones del universo científico en tres perfiles publicados en la revista piauí: “Entre ratos”, de Raquel Freire Zangrandi, “Artur tem um problema”, de João Moreira Salles, e “Com a mão na massa (cerebral)”, de Dorrit Harazim. En contraste a la análise de estes, consideramos los perfiles presentados en el libro Gigantes da ciência, de Philipe Cane, y en la serie Os cientistas, de la Editora Abril. Hemos concluido que el agrupamiento de textos de piauí, articulado bajo las técnicas del periodismo de creación, hace el lector más próximo de los perfilados y del proceso de producción de la ciencia, aunque poco presenten de la vida particular de los personajes.

Palabras clave: Periodismo de creación. Periodismo científico. Perfil.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Fitando o abismo

C. P. Snow (1995) identificou na Inglaterra dos anos 1950 um abismo crescente entre a cultura humanista e a das ciências exatas e tecnológicas – as quais, essencialmente rivais, seriam incapazes de se compreender mutuamente, raciocinando de formas completamente díspares. Snow lamentou a baixa penetração da ciência nas artes e comunicação (ao contrário do que, em sua avaliação, ocorria na União Soviética de então) e no conseqüente baixo envolvimento e interesse da população por temas ligados ao universo científico. Defendeu, então que um maior conhecimento das ciências "duras", e sua reconciliação com a cultura em geral, seria necessário e essencial para favorecê-las, numa perspectiva desenvolvimentista de combate ao “analfabetismo científico”.

A proposição atual sobre cultura científica tem como objetivo aumentar o conhecimento do público em geral a respeito daquilo que a pesquisa científica produz, incluindo a promoção da compreensão de como a ciência é constituída e de que modo se reflete na sociedade (LÉVY-LEBLOND, 2003). Disso resulta uma postura essencialmente acrítica dos produtos e fatos científicos, enxergando-os somente como potenciais panacéias para sanar os males da humanidade e culminando no que Cascais (2003) denomina mitologia dos resultados, que direciona os holofotes da mídia para conclusões e aplicações prontas que os projetos de pesquisa e desenvolvimento teriam a oferecer. – o que nos traz dois problemas: por um lado, prometem-se curas e maravilhas tecnológicas das quais a sociedade

provavelmente não desfrutará, ou o fará apenas tardiamente, tendo em vista os custos envolvidos ou o caráter preliminar dos resultados divulgados, necessitando ainda de décadas de estudo para poderem oferecer aplicações viáveis – ou seja: há um descompasso entre o tempo da mídia e o tempo da ciência –; por outro, ignora-se toda pesquisa que não condiz com essa visão utilitarista, seja por seu caráter essencialmente teórico, seja pelo não-oferecimento de verdades consumíveis, pondo de lado, por exemplo, a quase totalidade das ciências humanas.

Latour abandona a concepção da ciência que desvenda uma verdade pré-existente e afirma que a classe científica determina o que é essa verdade, como funciona e quem tem maior autoridade para falar sobre ela. O autor observou que as diferentes interações entre pesquisadores de uma mesma instituição ou de diferentes laboratórios, as várias relações de citação, as determinações hierárquicas, as preocupações com a verossimilhança das conclusões e dos dados, influíam direta ou obliquamente sobre as formulações que finalmente chegavam aos papers – propôs, assim, que “um enunciado científico é socialmente construído” (LATOURE e WOOLGAR, 1997, p.180), uma vez que são as relações sociais que o formam e deformam, e que sua condição de verdade se dá também pela aceitação dos pares das enunciações propostas (LATOURE, 2000). Os dados seriam considerados relevantes e selecionados para difusão de acordo com a possibilidade de serem aceitos pela comunidade científica, pela verossimilhança que apresentariam junto aos pares; as conclusões e interpretações resultariam também de ciclos de argumentação e convencimento de pesquisadores que se dariam nos corredores dos laboratórios, às margens da produção científica que se torna pública. Apresenta-nos, então, uma ciência em eterno conflito e constante negociação, socialmente construída (LATOURE e WOOLGAR, 1997): só é ciência o enunciado que é lido, citado, retrabalhado e disseminado e, da mesma forma, os postulados são formulados tendo em vista o público que terá acesso a eles e formatados de modo a obter sua aceitação.

Para Latour (2000) as disputas científicas, ao se resolverem, culminam na formação de “caixas-pretas”, conceitos e formulações kosher, certificados, prontos para uso sem que a qualidade de seu interior seja posta em dúvida – embora possam, quando menos se espera, ser reabertas e rediscutidas dentro do meio acadêmico. A compreensão de ciência, do ponto de vista latouriano, não se orienta pelo exame de formulações estagnadas, mas pelo processo de negociações e modificações – a que denomina translações – que dão origem às caixas-pretas;

a ciência em construção ou ciência em ação, em constante movimento; algo que se assemelha à noção bakhtiniana de estudos da linguagem, baseada no acompanhamento das tensões discursivas e sociais. Na afirmação de que “a classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente” (BAKHTIN, 1992, p.47), podemos compreender que o esforço da classe dominante é o de tornar o signo uma caixa-preta monovalente, pronta de significado único e universal – a ideologia oficial da ciência, podemos dizer.

Assim, para se compreender a ciência, não bastaria observar seus produtos, como os papers; seria preciso abordar também, e principalmente, as atividades de rotina, os processos repetitivos, seu contexto e as interações entre os pesquisadores para compreender como, de fato, se dava a construção do conhecimento científico – compreendendo a ideologia do cotidiano (BAKHTIN, 2001) que também permeia a atividade científica. Temos aí duas representações de ciência (LATOURE, 2000): aquela acabada, de que se conhecem apenas os produtos e nada se sabe sobre seu funcionamento, e a ciência em construção, em que todas as etapas, inclusive resultados e conclusões, têm forte influência social, em que “contexto e conteúdo se confundem” (2000, p.18), e também cuja divulgação permite conhecer, enfim, a forma como se produz conhecimento.

Neste artigo, discutiremos como a construção da ciência em ação articula-se em três perfis publicados na revista piauí: “Entre ratos”, de Raquel Freire Zangrandi, “Artur tem um problema”, de João Moreira Salles, e “Com a mão na massa (cerebral)”, de Dorrit Harazim. A publicação mensal foi escolhida por ter se constituído como um dos principais veiculadores brasileiro do jornalismo literário, modelo comunicacional configurado esteticamente como literatura de não-ficção que, conforme aponta Passos (2010), ao trabalhar o conteúdo de forma narrativa, processual, oferece um terreno fértil para o registro da ciência em construção: ao provocar a imersão dos leitores no texto, estes tornam-se participantes das ações descritas e vivenciam o laboratório e outros ambientes ligados a ciência e tecnologia, já não situados numa dimensão à parte, um Olimpo do saber, mas materializados e trazidos à realidade; também o cientista torna-se, assim uma pessoa comum, cujos procedimentos de trabalho e modo de vida são desvendados pelo repórter-escritor. Além disso, é notável que o editor-chefe da revista, João Moreira Salles (6 jun. 2010), tenha se manifestado em favor de maior valorização cultural da ciência e tecnologia, seus ambientes e personagens.

A seleção do corpus foi realizada a partir de levantamento, nas 78 edições de piauí publicadas entre outubro de 2006 e março de 2013, dos textos que abordam ciência e tecnologia, da exclusão de material estrangeiro traduzido – para nos focarmos no conteúdo original da publicação – e , enfim, da escolha por identificar apenas aqueles pertencentes ao gênero perfil, caracterizado especialmente pelo desenvolvimento de personagens.

Como contraponto, ou elemento de contraste, em relação ao corpus principal, foi reunido por corpus secundário e mais abrangente composto por três publicações, cuja análise, ainda que parcial e limitada, serviu como fator de instrumento comparativo em relação aos processos de composição de personagens em textos de divulgação científica. Esse corpus secundário foi constituído pelo volume "Gigantes da Ciência", com 51 perfis biográficos ou mini-biografia de cientistas proeminentes escritas por Philipe Cane e editados, no Brasil, com tradução e notas de José Reis em 1959, e pela série "Os cientistas", publicada pela Editora Abril e pela Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências em 1972. A comparação permitirá compreender uma mudança paradigmática sobre o tratamento de personagens na comunicação pública da ciência.

2 CIENTISTAS EM AÇÃO

A construção de reportagens em jornalismo literário, e em especial a caracterização de seus personagens, emprega uma série de técnicas textuais de composição narrativa que são comuns aos relatos de ficção, com a diferença crucial de que se trata, porém, de não-ficção, isto é, de uma reconstrução de fatos vividos por pessoas que protagonizam, testemunham ou comentam acontecimentos que tiveram tempo e lugar no mundo real. Esse procedimento é aplicado em profundidade no perfil, gênero historicamente recente, voltado à captura de um momento na vida de um personagem que o escritor considere relevante – ainda que não seja uma figura publicamente conhecida. Suas raízes encontram-se na literatura biográfica e no sketch, gênero semelhante à crônica brasileira que floresceu em jornais e revistas de língua inglesa no início no século XIX, em estudos breves que procuravam registrar cenários e personagens urbanos; descrevia-se a vida nas ruas ao anoitecer e ao amanhecer, o surgimento de novos ofícios e costumes, diálogos e conflitos corriqueiros (SIMS, 2007).

O gênero se circunscreve, em termos essenciais, pelo foco no presente do sujeito perfilado – em oposição à biografia, cujo propósito é registrar a trajetória completa da vida de

um indivíduo, idealmente do nascimento à morte, ou ao menos até a época em que o texto é escrito – e pelo esforço em caracterizar seus costumes, valores e ações da forma mais completa possível, resultante de entrevistas com o perfilado e pessoas com quem trabalha e convive – no que separa-se do sketch, de caráter mais superficial e impressionista, muitas vezes resultante da observação distanciada, não-participante de um escritor que observa, mas não trava diálogo com seu tema: a composição das personagens assume aspecto central da formação de uma ideia da realidade associada à figura humana cuja história de vida é tomada como fio condutor da narrativa.

Cultivado pela revista semanal norte-americana *The New Yorker* desde seus primeiros números, em 1925, o perfil – o termo “Profile” foi sugerido ao fundador Harold Ross pelo repórter James Kevin McGuinness – surge como um contraponto à tradição biográfica de então, especialmente por se esquivar a reverências: “when Ross launched the magazine [...] he wanted something different – something sidelong and ironical, a form that prized intimacy and wit over biographical completeness or, God forbid, unabashed hero worship” (REMICK, 2000, p.ix); assim, dentre material mais elogioso sobre Ernest Hemingway ou os irmãos Chudnovsky, houve também retratos mordazes de Marlon Brando e do falso príncipe russo Michael Alexandrovitch Dmitry Obolensky Romanoff – a publicação resguardava-se de processos jurídicos por meio de seu departamento de fact-checkers, instituído para averiguar a veracidade de cada dado e afirmação dos textos publicados.

Um caso extraordinário é o de Joseph Ferdinand Gould, boêmio e mendigo que teve três perfis publicados em *The New Yorker*: “Professor Seagull”, em 1942, e as duas partes de “Joe Gould’s Secret”, em 1964. O primeiro se estrutura na forma que tornou-se convencional ao gênero: apresenta descrições de suas aparências e hábitos, descreve sua rotina, foca-se sobre a atividade que melhor define seu personagem – o projeto literário da “História Oral”, compilado de conversas com personagens urbanos, digressões sobre costumes de diversas regiões dos Estados Unidos e ensaios que parecia promissor ao repórter, Joseph Mitchell (2003) –, apresenta um pequeno apanhado biográfico e conclui com aspectos curiosos da personagem, dentre eles sua participação indesejada no clube de poesia *The Raven* com o dístico “In the winter I’m a buddhist/ In the summer, I’m a nudist”. De um modo geral, é elogioso e apresenta o boêmio como uma figura simpática, divertida. “Joe Gould’s Secret”, publicado com o protagonista já falecido, oferece uma espécie de revisão antitética de “Professor Seagull”, tanto em conteúdo – o leitor é apresentado a um Gould aproveitador e

irritante, inconveniente – quanto em configuração, uma vez que Mitchell assume a primeira pessoa e intervém no relato com comentários e digressões, de certa forma aproximando-se do estilo do próprio Gould.

Já ao apresentar um jovem matemático que, aos 30 anos de idade, coleciona prêmios e feitos – conjunturas e problemas do campo resolvidos, às vezes mais de 200 anos após sua proposição –, João Moreira Salles abre o perfil com uma cena curiosa e cotidiana: em vôo para Nova York, o protagonista Artur Ávila, aos 19 anos, é impedido pela aeromoça de beber vinho porque sua aparência não a convencia de que fosse maior de idade; naquela época, Artur já estava em seu segundo ano de doutorado e era tratado como igual por matemáticos duas vezes mais velhos do que ele. Em “Artur tem um problema”, temos o desenho de um pesquisador, agora com trinta anos, que como Perséfone se divide entre dois mundos, passando metade do ano como pesquisador no Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada, no Rio de Janeiro, e outra no Centre National de la Recherche Scientifique, em Paris, onde curiosamente o salário é menor. Também são singulares vários de seus traços biográficos: o rigor lógico que aos 14 anos o pôs em embate com as aulas de religião do colégio e levou a sua expulsão; a participação de olimpíadas de matemática desde os 13, sempre conquistando medalhas, e o abandono aos 16 quando perdeu o gosto pela prova; junto com o Ensino Médio, receberia uma bolsa de iniciação científica pelo IMPA, e ao colar grau concluiria simultaneamente seu mestrado, sem a necessidade de passar por um curso de graduação. Seu apartamento carioca é caracterizado como espartano, funcional, desprovido de elementos decorativos; ao mesmo tempo, o personagem se permite luxos como acordar sempre ao meio-dia, cultivados desde a adolescência.

O protagonista de “Entre ratos” é o neurocientista argentino Iván Izquierdo, apresentado ao leitor com credenciais de excelência: fundador do Centro de Memória da PUC-RS, com 50 anos de pesquisa, 40 destes dedicados ao estudo do funcionamento da memória. O perfil segue uma arquitetura peculiar ao promover uma integração entre vida e ofício: logo após mencionar o então mais recente artigo de Izquierdo, sobre o processo de reafirmação de lembranças, apresenta a sua memória mais remota: a aparência de Dolly Mondragon, amiga de seus pais, e a sensação de bem-estar ao seu lado, quando contava apenas 3 anos, seguida por explicações sobre o porquê de não a ter esquecido. Do mesmo modo, ao se falar no funcionamento do mal de Alzheimer surgem também lembranças do pai de Iván, que morreu com a doença e, há semanas sem se lembrar do filho, subitamente o

reconheceu ao receber um afago na cabeça e atirou fora os remédios, que já não faziam o efeito desejado. Temos então um percurso, especialmente nos flashbacks biográficos, focado não apenas no cientista bem-sucedido, mas nas interações entre essa faceta e o ser humano por trás dela, que há 14 anos tomava antidepressivos, mudara-se para o Brasil para fugir de ameaças do governo peronista, recebidas por ter um amigo suspeito de comunismo, orgulhava-se de sua agilidade por, aos 70 anos, ainda conseguir apanhar uma mosca no ar, e sentias-se ostracizado ao aposentar-se da UFRGS, o que o levou ao trabalho na universidade particular católica.

No caso de em "Com a mão na massa (cerebral)", não temos um pesquisador propriamente dito, mas um habilidoso aplicador de conhecimentos científicos, o neurocirurgião Thiago de Bellis, de 29 anos, que já chegou a tocar piano e sonhara pilotar aviões, mas no presente se lembra da data de seu primeiro dia de cirurgia mais rápido do que a de seu aniversário e guarda com detalhes até mesmo sensoriais a euforia daquele momento. Quase toda a ação que o caracteriza se passa dentro de um hospital. Fala-se do plantão de doze horas que ocorre toda segunda e sexta-feira, do plantão de 24 horas às quartas no Hospital Municipal do Andaraí, assistência em outro hospital em Duque de Caxias aos sábados, estudos e preparação de cirurgias aos domingos, da realização de seis operações num período de pouco mais de 30 horas, compilação arrematada por uma breve descrição das refeições:

Quando dá tempo de passar em casa, entre um plantão e outro, Thiago traça um bife à parmegiana com batata palha, esquentados no micro-ondas do apartamento de dois quartos onde mora com a mãe e o irmão. Quando não dá, funciona à base de copos de Nescau, pão careca com manteiga e queijo de minas. (HARAZIM, 2011, p.38)

Assim, delimita-se um dia-a-dia apertado e extenuante, quantificado em horas de plantão, em diferentes instituições de trabalho e na duração e número de intervenções cirúrgicas realizadas, e qualificado pela comida consumida – ora sanduíches pouco nutritivos, ora alimentos congelados, quase fast-food – e pela menção à realização diária de exercícios com os dedos para evitar desgastá-los; o panorama apresentado permite ao leitor sentir de forma mais precisa e impressionante a rotina de um neurocirurgião, a ponto de se dispensar qualquer menção ao cansaço físico ou mental decorrente dela: não é difícil inferi-lo.

Vale notar ainda a estrutura da narrativa do perfil, que tem como um dos eixos condutores a personagem que se revela nas difíceis decisões de seu protagonista, é desenhada e evolui a

partir de uma sobreposição de situações de escolha nas quais se revelam as motivações e desejos do médico De Bellis. No âmbito de sua formação, há a decisão crucial de optar pela carreira em neurocirurgia, especialização médica que exige dois anos a mais de residência e, uma vez nela, dedicar-se com afinco e abnegação. Na prática profissional, estão as decisões diárias e emergenciais tomadas sob pressão de acerca de se, quando e como realizar uma cirurgia cerebral. Para seu futuro, coloca-se a decisão de fazer um estágio e aprimorar sua carreira em um hospital na Alemanha.

É a partir e por intermédio das personagens que os demais elementos narrativos se compõem e se apresentam. Suas características físicas, sua história pessoal, seu círculo social e profissional, seus valores, suas ideias, seus pensamentos e, sobretudo, seus atos e falas são os elementos que, em grande medida, fornecem os vínculos de referência para a formação de um sentido, identificação entre a realidade conhecida ou imaginada pelo leitor e aquela vivida pela personagem da história.

No caso de uma personagem que habita o "mundo da ciência", essa identificação referencial pode ser reforçada na medida em que os elementos de vinculação apresentados ao leitor não se limitem aos símbolos próprios e específicos de seu espaço de atuação científica, mas incluam e destaquem elementos comuns ou coletivamente reconhecidos do "mundo cotidiano", embora não de forma a sustentar uma oposição entre esses dois mundos, mas a revelar os inúmeros pontos de interligação que existem entre eles, articular o cotidiano social da ciência em ação com a ação da ciência no cotidiano social.

É importante notar como, ainda que no jornalismo os personagens e eventos retratados sejam pessoas e fatos componentes da realidade do mundo, a construção de suas características e dos acontecimentos nos quais elas se manifestam se dá, sempre, um por ato criativo de seleção e de expressão, organização dessas referências dentro de uma estrutura e de um estilo que pareçam os mais convenientes ao propósito do autor, à forma escolhida para representar aquelas pessoas.

McKee (2006) identifica dois aspectos principais que concorrem para o design de uma personagem. De um lado, há sua "caracterização", que se dá a partir de uma "combinação" de "qualidades observáveis" ou típicas da figura humana representada, como os atributos já mencionados a respeito. De outro, estaria a "verdadeira personagem", inicialmente escondida e aos poucos revelada, na narrativa, a partir das decisões, das escolhas e dos dilemas enfrentados, cuja postura diante de uma situação de conflito poderia ser tomada como indício

ou sugestão de seus "desejos" e de sua "motivação". Assim, "[a] verdadeira personagem", diz o autor, "só pode ser expressa através de uma escolha em uma dilema. Como a pessoa escolhe agir sob pressão é quem ela é" (MCKEE, 2006, p.351).

A representação de um dilema como traço revelador do que seria a personalidade verdadeira de uma personagem pode ser identificada, por exemplo, no perfil de Thiago de Bellis, apresentado pela primeira vez, no terceiro parágrafo, em uma situação de difícil decisão, cujo retrato é, no texto, intercalado entre uma descrição inicial especialmente impactante sobre o procedimento cirúrgico envolvido nessa decisão – envolvendo a retirada de parte do crânio do paciente – e a atribuição de habilidades especiais ao perfilado, que se destaca entre outros jovens cirurgiões.

Nos três perfis analisados, é recorrente a presença de depoimentos de colegas de trabalho, de área ou mentores acerca dos perfilados, apontando suas lembranças e impressões sobre eles. Isso permite introduzir outra questão acerca da composição da personagem, referente à autoria dos discursos diretos e indiretos que são utilizados, pelos autores, para sustentar a "caracterização" e apresentar os dilemas e escolhas decisórias que, no enredo, revelam aqueles que seriam os traços distintivos da "verdadeira personagem". Ou seja, a distinção entre o que uma personagem diz sobre si mesmo e o que outras personagens com papel secundário na história afirmam é crucial para a composição do retrato de sua personalidade e, por extensão, da forma com que se projetam as contradições e conflitos que dão dimensionalidade à narrativa.

Nesse sentido, recomenda-se atenção com o uso de expressões auto-referidas do personagem para a construção de sua própria caracterização. "Personagens com auto-conhecimento lúcido, aqueles que recitam diálogos auto-explicativos feitos para convencer-nos de que eles são quem dizem ser, não são apenas chatos, como são falsos", alerta McKee, que sugere haver maior relevância, na credibilidade da composição narrativa, naquilo "que outras pessoas dizem sobre uma personagem", bem como no que é deixado implícito no próprio desenrolar da história, de modo que o público "possa usar sua própria experiência de vida para aprimorar sua personagem em sua imaginação" (2006, p.352).

Nas diversas nuances e matizes existentes entre completa sobreposição e a radical oposição entre o que é sugerido pela caracterização e o que se revela como sua verdadeira natureza é que pode ser percebida complexidade de uma personagem. Assim, segundo McKee, um personagem adquire "dimensão" (2006, p.354) na medida em que há uma

contradição entre esses dois aspectos de sua composição (por exemplo, quando se apresenta característica de simplicidade cotidiana na vida de alguém que pode ser verdadeiramente definido como um gênio da ciência), ou mesmo uma contradição interna à própria verdade da personagem (como nos paradoxos de compreensão e incompreensão, ou de entendimento e desentendimento, ordem e caos, que costumam caracterizar a própria ideia de genialidade).

Esse tipo de "incongruência" pode ser notado, por exemplo, na apresentação do matemático Artur como alguém o mesmo tempo inocente, em sua inexperiência e simplicidade de hábitos – nunca tendo provado comida italiana, por exemplo –, e perspicaz, na maturidade com resolve problemas complexos – assombrando, aos 19, dois colegas de 40 e 53 anos que já o percebiam à sua frente.

O que equilibra a narrativa e a torna de algum modo "crível" seria justamente o grau de consistência dessa contradição que projeta dimensionalidade às personagens, dotando-as, portanto, de um maior realismo e, principalmente, de apelo e identificação perante o público: "Dimensões fascinam; contradições na natureza ou no comportamento seguram a concentração do público. Portanto, o protagonista deve ser a personagem com maior número de dimensões no elenco, para focalizar a empatia no papel principal" (MCKEE, 2006, p.354). Nessa composição, personagens de destaque costumam caracterizar-se por um traço dominante, que funciona como eixo de identificação construído em torno de uma qualidade especialmente marcante, em torno do qual costumam operar os conflitos, as inseguranças, as dúvidas e as sugestões que conferem profundidade dimensional e que, assim, tornam mais complexo o protagonista. No caso de "Com a mão na massa (cerebral)", a composição de sua "verdadeira personagem" de Thiago de Bellis a partir da tomada de decisões difíceis sobre a realização de cirurgias delicadas e emergenciais em pacientes em risco faz ressaltar, como traço distintivo, duas virtudes que podem ser vistas como complementares mas também, em certo sentido, opostas – a coragem e a prudência:

Oito anos depois, naquela madrugada de fevereiro passado, Thiago de Bellis estava diante do paciente trazido em estado torpido e coma superficial à Sala de Ressuscitação. No linguajar da tribo, um Glasgow 10, escala de trauma que vai de 3 (coma profundo) a 15 (superficial). A tomografia de crânio apontara para um hematoma subdural agudo no lado direito do cérebro, e algumas confusões também do outro lado. / "Pela tomografia, era uma situação-limite, mas sem indicação clara para se recorrer à craniotomia descompressiva, ou tentar um procedimento menos agressivo", disse De Bellis. Como o quadro não era claro, ele sugeriu a Lobato e Vasconcelos a opção pela craniotomia. "Prefiro pecar pelo excesso", explicou. (HARAZIM, 2011, p.38)

“Artur tem um problema” trabalha essa dimensão na forma da não-rotina de trabalho seu protagonista, que desvela de modo até certo ponto mitologizante, reforçador de uma aura de genialidade, peculiaridades da produção do conhecimento em matemática, área de extrema abstração que, conforme se discute ao longo do perfil, não se sabe ao certo se lida com descobertas – a identificação de elementos e propriedades já contidos na natureza – ou com invenções – intervenções autorais sobre um mundo que até certo ponto pode ser compreendido como ficcional. Por três vezes são mencionados insights noturnos, momentos de sono interrompido nos quais Artur passa a ruminar problemas que o incomodavam meses ou mesmo anos antes, e nos quais surgem ideias decisivas para resolvê-los; não seriam atípicos de sua forma de trabalhar, mas plenamente integrados a uma faina pouco linear, na qual não se examina questões da área uma após a outra, mas simultaneamente, visto que de outra forma se deter em um ponto opaco, por hora insolúvel, o impediria de resolver outros de igual importância; qualifica-se aí categoria de matemático a que Artur pertence – um resolvidor, em oposição aos construtores de teorias – e, por não gostar de dar aulas, de orientar alunos, nem de escrever artigos, sua caracterização como um experimentador deslocado no tempo, para quem mais vale o desenvolvimento de um raciocínio que lhe permita encontrar as soluções do que a apresentação das provas e o reconhecimento obtido por elas – elemento até certo ponto contraposto pela listagem de prêmios recebidos e trabalhos publicados.

Em “Entre ratos”, os relatos sobre alunos punidos por Izquierdo têm função análoga, especialmente pela quantidade: dois. O pesquisador é apresentado como uma figura tolerante e conciliadora; nesse caso, as expulsões de um estagiário do laboratório que fez um comentário anti-semita contra uma professora visitante e de outro que torturava as cobaias, aplicando-lhes choques sucessivos até a morte, têm caráter de exceção e, por sua natureza, evidenciam valores humanitários nutridos pelo perfilado, que resvalam inclusive para discussões éticas acerca de possíveis aplicações para sua pesquisa – Izquierdo demonstra grande incômodo com especulações sobre a criação de um fármaco que permita apagar lembranças desagradáveis e afirma ser preciso lidar com elas, se necessário com o auxílio de psicólogos; não vê, assim, a ciência praticada por toda a sua vida como soberana para a resolução de problemas e, ao mesmo tempo em que crê em Deus, não nutre simpatias por correntes criacionistas.

2.1 Contraponto

Ao apresentar a série "Os Cientistas", o editorial assinado por Victor Civita descreve a trajetória da ciência como uma "permanente batalha, pontilhada em todo seu transcurso por vitórias espetaculares" e destaca que "[a]o lutar contra as forças da natureza e vencê-las com os recursos da sua inteligência, o homem alargou sua visão do mundo e fez crescer suas próprias dimensões" (OS CIENTISTAS, 1972, p.3). O editorial alerta que "a série 'Os Cientistas' não fica apenas na exposição do que foram e fizeram esses batalhadores, nem na justa exaltação dos seus feitos", explicando em seguida que a publicação inclui, "junto com a biografia de cada cientista, um instrumental simples, mas extremamente eficiente e engenhoso, capaz de permitir a execução de experimentos elucidativos sobre a contribuição científica do biografado".

Já na "Nota do Tradutor" assinada por José Reis na abertura do livro de Cane (1959), o pioneiro do jornalismo científico no Brasil afirma que "[r]eparando nas condições de vida e trabalho dos cientistas, o leitor terá interessantes surpresas", exemplificando-as, em seguida, com menções a "cientistas" com personalidades diversas, oscilantes e até contraditórias, incluindo "esnobismo", "tímidos", "egoístas" e "generosos", entre diversos outros traços e curiosidades de sugestão moral e comportamental (p.7-8). Para contextualizar a ciência de seu tempo, Reis também menciona, nesse texto, algumas "fabulosas inovações", "conquistas" e "progressos" cujo acompanhamento e compreensão são apresentados como fundamentos do "cidadão moderno" para a avaliação de suas implicações no "campo moral" e na "soberania nacional" (p.8-9).

De modo geral, a leitura desse segundo corpus mostra que essas duas publicações, apesar de suas especificidades históricas, gráficas e editoriais, empregam abordagens e técnicas textuais que mantêm diversas semelhanças entre si, influenciando ou determinando, também, a maneira como se formula a caracterização das personagens biografadas, todas célebres personalidades da história científica, desde Pitágoras, Euclides, Aristóteles e Arquimedes, passando por como Leonardo Da Vinci, Galileu Galilei, Isaac Newton e Benjamin Franklin até Albert Einstein e Enrico Fermi.

Como traço semelhante central, nota-se que as súmulas biográficas de ambas privilegiam uma abordagem didática em relação ao pensamento de cada pessoa retratada,

caracterizando-a principalmente a partir de suas conquistas, descobertas, formulações, invenções, explicações, contribuições, ou seja, dos feitos que são resultados de suas obras científicas. Outros pontos que contribuem para essa percepção são o emprego recorrente de vocabulário interno ao campo científico e a abordagem professoral mantida em relação ao conteúdo das obras e contribuições científicas referenciadas, chegando, por vezes, a assumir uma tonalidade laudatória em relação às suas personagens.

Há, no entanto, algumas especificidades. Enquanto a obra de Cane, com frequência, esboça uma interlocução mais informal com o leitor e aborda curiosidades e aspectos da vida particular ou de atividades paralelas dos cientistas como "gancho" introdutório, a série de fascículos da Editora Abril adota, preferencialmente, um tom mais sóbrio, formal, e recorre a remissões históricas e panoramas teóricos de época como recurso de abertura para contextualizar a abordagem dos assuntos e das personalidades retratadas, como se pode constatar a partir dos excertos seguintes:

William Gilbert (1544-1603) – As teorias animistas constituíram, durante séculos, a única explicação para os fenômenos elétricos e magnéticos. (...) Na Idade Média, persistiram as imagens de que o ímã desenvolvia no ferro uma 'simpatia' natural, devido à identidade da natureza dos dois corpos. (...) Após a introdução da bússola no Ocidente (...), os fenômenos magnéticos passaram a ser pesquisados mais intensamente. No entanto, eles só receberam um tratamento científico com o cruzado francês Petrus Peregrinus (...) na 'Epístola de Magnete', redigida em 1269, (...) [trabalho que] permaneceu ignorado até o século XVI, quando foi valorizado por William Gilbert." (OS CIENTISTAS, 1972, Vol. 1, p.53-54)

Conde Rumford – Você provavelmente conhece muita gente que diga, com toda a sinceridade, que uma das mais importantes coisas da vida é uma boa xícara de café. Para esses, o Conde Rumford seria um gigante porque inventou a cafeteira pingadora. Para os que se interessam mais a sério pela Ciência, o Conde Rumford merece homenagem por sua contribuição ao estudo do calor. (CANE, 1959, p.147)

Apesar desses traços específicos, ambas as publicações adotam uma fórmula praticamente invariável para caracterizar a cronologia da vida e as contribuições científicas de seus personagens, elencando, quase que em uma sequência linear, os principais eventos e episódios biográficos, como o nascimento, a infância, os estudos, os trabalhos e o legado desses homens – aliás, a única mulher biografada neste corpus é Marie Curie, que aparece apenas no livro de Cane. Não obstante, é possível encontrar, em ambos os livros, ainda que

ocasionalmente, alguns recursos narrativos que podem ser identificados com as técnicas atualmente atribuídas ao jornalismo literário, para efeito de caracterização e ambientação das personagens, ainda que sua precisão factual, em alguns desses casos, seja bastante duvidosa.

Isaac Newton – O homem de cabelos brancos fechou o caderno, onde, com escrita regular e miúda, se alinhavam seus cálculos, e recostou-se na cadeira. Naqueles cálculos, naquele caderno fechado que lhe custara tantos esforços e deduções, mais um mistério fora revelado aos homens. E talvez tenha sentido grande orgulho ao pensar nisso. (...) Mas o trabalho que Newton, velho e famoso, acabara de concluir (...) nada tinha a ver com ciência. Era um "Tratado sobre a Topografia do Inferno" (OS CIENTISTAS, 1972, Vol. 1, p.149).

Charles Darwin – “Você não pensa em nada mais senão cães, dar tiros e apanhar ratos. Será uma vergonha para si mesmo e para a família.” Assim disse um pai, zangado e furioso, ao filho, Charles Darwin, o menino que se tornaria um dos mais famosos naturalistas de todos os tempos e autor do monumental livro 'The Origin of Species by Means of Natural Selection'. (CANE, 1959, p.194)

3 CONSIDERAÇÕES

3.1 O abismo transposto?

A partir do corpus secundário, é possível supor que os efeitos de personificação narrativa, assim como os elementos de aproximação com o leitor adotados particularmente na obra de Cane, constituam artifícios textuais usados conscientemente ou não pelos autores com o objetivo de revelar o aspecto que McKee (2006) classifica como a "verdadeira personagem", de forma a transcender, ainda que ocasionalmente, a simples "caracterização" das personagens a partir do relato linear de suas cronologias de vida e da qualificação de suas obras. Nesse objetivo, porém, diferente do que se revela nos perfis de piauí, esses textos biográficos raramente vão além de uma imagem idealizada sobre o que há de genial, curioso ou pitoresco nesses cientistas, pouco revelando sobre os aspectos mais rotineiros e cotidianos de suas vidas ou das circunstâncias mundanas que condicionaram o desenvolvimento de suas obras.

Em parte, isso pode se dever à diferença essencial na natureza de ambos os corpi: Gigantes da Ciência e Os Cientistas tratam de figuras de grande renome, reputação

consolidada, que inspiram e lançam sombra inclusive sobre os pesquisadores da atualidade – inclusive porque o trabalho dos que os antecederam ou com eles competiam é pouco conhecido, elemento reforçador da imagem de genialidade (Latour, 2000): a simples menção de seus nomes intimida, ao passo que três os perfis de piauí trazem personagens mais próximos cronologicamente, e inclusive etariamente ao leitor, além de pouco conhecidos fora do círculo de seus pares. O trabalho com personagens atuais permite a realização de entrevistas e o acompanhamento in loco de suas atividades durante dias ou semanas, num procedimento imersivo (SIMS, 2007) que permite compreender não apenas quem são esses personagens, mas como é feita a ciência que trabalham, por meio da rotina e procedimentos de Thiago de Bellis, da descrição dos experimentos de Iván Izquierdo e seus pares – inclusive com menção a antecessores como Ramón y Cajal, Bliss e Lomo, cuja contribuição é fundamental para a existência de sua pesquisa –, com o vislumbre da trajetória alinear e repleta de insights noturnos de Artur Ávila. Como aponta Sims (2007), a atenção especial dada a vidas comuns permitiria maior proximidade dos perfilados com o leitor e, em consequência, contribuiria mais alguns centímetros na construção de uma ponte para se transpor o abismo entre ciência e cultura – embora o foco, nesses textos, ainda se dê essencialmente sobre a vida profissional dos perfilados; “Entre ratos”, justamente aquele que conta com o protagonista mais idoso, é o único texto a explorar mais a fundo detalhes biográficos que vão para além da vida científica. Portanto, temos neles um retrato da ideologia do cotidiano interna à ciência, uma abertura de caixas-pretas, mas poucos traços de uma reconciliação entre o universo da ciência e aquele externo aos laboratórios; além disso, os três perfilados apresentam ainda algo de gigante, prodigioso, enquanto indivíduos de grande sucesso e destaque em suas respectivas áreas.

Vale considerar ainda que a construção textual destinada a aproximar o leitor não-cientista do universo referencial do campo científico por meio de artifícios narrativos de caracterização de personagens e de aproximação de suas ações com o cotidiano comum não necessariamente elimina, como talvez possa até de alguma forma reforçar, a "função ideológica" cumprida pelo recurso à personalização na narrativa jornalística.

Personagens são, na verdade, estereótipos discursivos criados a partir de um recorte das falas de atores sociais já previamente selecionados a partir de um projeto discursivo. Assim, a narrativa é montada estrategicamente para levar o leitor a endossar ou repelir valores subjacentes a determinadas personagens (BELDA, 2003, p.111).

Estudos futuros poderiam aventar, sobre esse aspecto, até que ponto a função da personalização no jornalismo literário tem efeito diferente do que assume no jornalismo científico convencional, que tende a privilegiar o retrato de protagonistas capazes de assumir "argumentos de autoridade" em relação ao assunto em pauta, numa espécie de "delegação do saber" (BRETON, 1999, p.79). Assim, "o real descrito é o real aceitável porque a pessoa que o descreve tem a autoridade para fazê-lo" (p.76), geralmente legitimada por sua competência, experiência ou testemunho.

A abertura de caixas-pretas e a busca por retratar a ciência em ação, as verdades em construção, não deve ser tratada apenas em termos de curiosidade, de erudição do público, mas de acessibilidade: é preciso ter em mente que a democratização da ciência não se alcança com o aumento da aceitação, do consumo de verdades e conceitos, com o uso passivo, mas sim com a compreensão do seu funcionamento e, desejavelmente, a possibilidade de contrapor-se aos discursos hegemônicos científicos, apresentar outras verdades e pontos de vista; para isso é fundamental entender que o caráter da ciência é de um perpétuo inacabamento, é uma cadeia dialógica, constituída de enunciados científicos provisórios, constantemente reformulados e renegociados.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. **O Freudismo. Um esboço crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BELDA, F. R.. **Alimentos transgênicos e imprensa: um estudo do discurso jornalístico de divulgação científica**. São Paulo, SP. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, 2003.

BRETON, P. **A argumentação na comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.

CANE, P. **Gigantes da Ciência**. Tradução e notas de José Reis. Rio de Janeiro: Ediouro/Tecnoprint, 1959.

OS CIENTISTAS. v. 1-3. São Paulo, Abril Cultural, Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências, 1972.

CASCAIS, A. F. **Divulgação científica: a mitologia dos resultados**. In: C. M. SOUSA (org.); N. P. MARQUES (org.); T. S. SILVEIRA (org). *A comunicação pública da ciência*. Taubaté, Cabral, 2003.

HARAZIM, D. **Com a mão na massa (cerebral)**. piauí, Rio de Janeiro, n. 58, jul. 2011, p.36-40

LATOUR, B. **Ciência em ação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LÉVY-LEBLOND, J. M. **Una cultura sin cultura. Reflexiones críticas sobre la “cultura científica”**. Revista CTS – Ciencia, Tecnología y Sociedad, v.1, n. 1, p.139-151, set. 2003.

McKEE, R. Story: **Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros**. Curitiba: Editora Arte e Letra, 2006.

MITCHELL, J. **O Segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MOREIRA SALLES, J. **Artur tem um problema**. piauí, Rio de Janeiro, n. 40, jan. 2010, p.34-40.

_____. **Um documentarista se dirige a cientistas: arte ciência e desenvolvimento**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6. jun. 2010. Acessado em 27 maio 2011, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il0606201005.htm/>

PASSOS, M. Y. **Jornalismo literário e a pirâmide: implicações discursivas na comunicação pública da ciência**. Intercom – Revista Brasileira de Ciência da Comunicação, v.33, n.2, p. 199-219, jul.-dez.2010.

REMICK, D. **Introduction**. In: _____ (org.) *Life stories*. New York: Random House, 2000, p. ix-xii.

SIMS, N. **True stories: a century of literary journalism**. Evanston: Northwestern University Press, 2007.

SNOW, C. P. **As duas culturas e uma segunda leitura**. São Paulo: Edusp, 1995.

ZANGRANDI, R. F. **Entre ratos**. piauí, Rio de Janeiro, n. 12, set. 2007, p.44-49.

Original recebido em: 20/04/2013
Aceito para publicação em: 20/07/2013

Mateus Yuri Passos

Doutorando em Teoria e História Literária na UNICAMP, com bolsa CNPq, em estágio sanduíche na Ludwig-Maximilians-Universität München, com bolsa CAPES. Graduado em Estudos Literários (UNICAMP) e Jornalismo (PUC-Campinas), com mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade (UFSCar).

Francisco R. Belda

Docente no Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital e no curso de graduação em Jornalismo da UNESP. Doutor em Engenharia de Produção (USP), com mestrado em Ciências da Comunicação (USP) e graduação em Jornalismo (PUC-Campinas).